

# Religião, gênero e violência na política e no espaço público

Religion, gender and violence in politics and in the public space

*André Sidnei Musskopf*

## RESUMO

---

O artigo realiza uma reflexão sobre questões de gênero a partir de diversas situações e representações envolvendo personagens e fatos do cenário político brasileiro. Evidencia como gênero estrutura as relações sociais ao lado de outros marcadores e como, particularmente através da linguagem, se expressa na política e no espaço público na forma de violência por sua matriz heteropatriarcal e heterossexista. Essa violência é potencializada pela articulação entre política e religião no espaço público, especialmente quando os discursos e as práticas religiosas se fundamentam na mesma matriz. Mas, assim como no âmbito da linguagem, entendida enquanto ato de fala e performance, a resistência também se faz presente através de movimentos que questionam os padrões hegemônicos de poder e criam alternativas à violência.

---

**Palavras-chave:** Gênero; Democracia; Espaço Público; Violência; Linguagem; Religião.

---

## ABSTRACT

---

**ABSTRACT:** The article accomplishes a reflection about issues of gender from several situations and representations involving characters and facts of the Brazilian political landscape. It makes evident how gender structures social relations besides other markers and how, particularly through language, it is expressed in politics and in the public space in the form of violence for its heteropatriarchal and heterosexist matrix. This violence is potentialized by the articulation between politics and religion in the public space, especially when religious discourses and practices are grounded in the same matrix. But, so as at the level of language, understood as act of speech and performance, resistance is also present through movements that question hegemonic patterns of power and create alternatives to violence.

---

**Keywords:** Gender; Democracy; Public Space; Violence; Language; Religion.

---

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de Ciências Humanas, Departamento de Ciência da Religião. Possui graduação, mestrado e doutorado em Teologia pela Escola Superior de Teologia/Faculdades EST. Contato: [asmusskopf@hotmail.com](mailto:asmusskopf@hotmail.com). Submetido em 09/05/2020; aceito em 09/08/2020.

## Introdução

“Nunca antes na história desse país”<sup>2</sup> esteve tão evidente a relação entre religião, gênero e violência! Mais do que isso: a forma como o gênero (em sentido amplo)<sup>3</sup> estrutura as relações de poder desde a subjetividade individual até os símbolos culturais que legitimam determinadas hierarquias (passando pelos conceitos normativos que sustentam tais símbolos e pelas instituições que controlam sua efetivação regulando as subjetividades)<sup>4</sup> são absolutamente evidentes no cenário político atual, revelando sua face mais perversa na articulação com uma determinada perspectiva religiosa (de matriz predominantemente judaico-cristã, embora não necessariamente restrita ou evidentemente decorrente dela). Pensar sobre democracia (embora seja necessário discutir a própria ideia de democracia) na sua relação com religião, sem incluir a dimensão de gênero, interseccionalmente articulada com raça e etnia e classe social, como propõem os estudos decoloniais<sup>5</sup>, seria perder de vista um aspecto fundamental das relações sociais e institucionais em sua manifestação pública atual e que está bem diante de nós, ainda que de forma tão naturalizada que muitas pessoas – inclusive intelectuais – não consigam perceber.

Em certo sentido, não creio que eu vá dizer nada que já não tenha sido dito. O artigo se propõe, na medida do possível, a fazer uma “variação sobre o mesmo tema” – aquilo do que quem trabalha com gênero e sexualidade é acusada e acusado de fazer: falar sempre sobre a mesma coisa. Mas quem nunca?! O que me proponho a fazer é tentar evidenciar, a partir de alguns exemplos e situações: 1) como a questão de gênero se apresenta em determinados discursos e práticas no campo político ou, de modo mais geral, na esfera pública atual; 2) como a linguagem (escrita, falada, retratada) em seu caráter simbólico e reproduzida pelos diversos aparatos da tecnologia da informação produz e reproduz determinadas compreensões e práticas; 3) como a articulação entre gênero e religião num marco heteropatriarcal manifesta-se na forma de violência; e 4) – “pra não dizer que não falei de flores e primaveras”<sup>6</sup> – algumas formas de resistência e construção de

<sup>2</sup> A referência é a uma frase que se popularizou como sendo dita por Luiz Inácio Lula da Silva, presidente do Brasil de 2003 a 2010, para referir-se ao que entendia serem grandes feitos do seu governo. Outras expressões populares usadas no contexto político são utilizadas ao longo do texto como recurso discursivo para provocar um deslocamento em quem lê e estabelecer a conexão com questões de gênero, nem sempre tão óbvias a uma leitura não treinada nessas questões.

<sup>3</sup> Nos estudos de gênero e sexualidade geralmente se faz uma distinção entre as categorias de sexo, gênero e sexualidade como realidades distintas, embora não separadas (MUSSKOPF, André Sidnei. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram. *Revista História Unisinos*. 9(3):184-189, Setembro/Dezembro 2005). Não faço aqui essa distinção por entender que 1) de fato, não é possível separar uma da outra, tanto na experiência concreta das pessoas, quanto na discussão teórica (distinção analítica); e 2) a popularidade que o termo/conceito “gênero” assumiu nos últimos anos por conta da campanha em relação ao que se chamou de “ideologia de gênero” colocou todo o espectro de questões relacionadas a sexo, gênero e sexualidade no “mesmo saco”, unificando-o como referência a qualquer uma dessas dimensões (a questão da “ideologia de gênero será referida abaixo). Numa perspectiva queer (MUSSKOPF, André S. Tan queer como sea posible. *Revista Concilium*, Vol. 383: 651-660, 2019) entendo que essa operação processada com a categoria “gênero” torna-o um termo/conceito apropriado para falar de tudo o que é considerado “estranho” às normas estabelecidas em relação a sexo, gênero e sexualidade e, portanto, indecente (ALTHAUS-REID, Marcella. *Teologia indecente*. London: Routledge, 2001).

<sup>4</sup> Conforme clássico artigo de SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, v. 16, n. 2 (5-22), jul/dez 1990.

<sup>5</sup> SEGATO, Rita. La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una antropología por demanda. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013.

<sup>6</sup> Referência à música de Geraldo Vandré que se tornou um hino de resistência à ditadura militar no Brasil e a uma frase de Che Guevara citado por Luiz Inácio Lula da Silva no seu último pronunciamento antes de se apresentar à

alternativas. Em certo sentido, tentarei “desenhar” aquilo que muitas companheiras e alguns companheiros já têm evidenciado em tratados teóricos e estudos empíricos sobre essas questões.

Minha abordagem é situada, como já deve estar mais ou menos evidente, no campo dos estudos feministas, da diversidade sexual e de gênero. Faço-o como homem cisgênero branco gay do sul do Brasil que busca estar consciente do espaço ambíguo que ocupa por conta dos privilégios decorrentes de vários desses marcadores e de alguma estranheza que sua indecência possa provocar. Além disso, como alguém que tem se ocupado das questões teóricas e metodológicas desses campos de estudo e dessas questões de pertença social na articulação com o tema da religião, disciplinarmente formado na área da Teologia, mas epistemologicamente comprometido com os modos de produção de conhecimento e produção de sentido na e a partir da religião como experiência humana. Nesse sentido, trato as questões da religião também a partir de suas linguagens ou elementos estruturantes da mesma forma que o gênero.<sup>7</sup> Esse é um dos motivos pelos quais entendo que essas duas dimensões (gênero e religião) são tão fundamentais para refletir sobre a atual conjuntura do ponto de vista político e da esfera pública.<sup>8</sup>

## I. Como a questão de gênero se apresenta em determinados discursos e práticas no campo político atual

No atual cenário é difícil selecionar apenas um exemplo situado a partir do qual fazer a análise proposta. Os fatos e situações que envolvem a relação entre religião, gênero e violência de forma mais explícita têm ocupado um espaço tão central que sua apresentação e análise deveria ser quase redundante. Declarações e notícias sobre a atual Ministra da Mulher, da Cidadania e dos Direitos Humanos, por exemplo, explicitariam muito facilmente como essas questões se articulam no campo político e no espaço público.<sup>9</sup> No entanto, para esse exercício, escolho uma personagem mais óbvia, e ao mesmo tempo mais complexa, sobre a qual muito já se tem dito e escrito, desde diversas perspectivas e abordagens, e sobre a qual possivelmente ainda muito se dirá e se escreverá. Escolho essa personagem não porque pense que sobre ela esteja toda a responsabilidade individualizada sobre as questões que pretendo apontar — ainda que sua responsabilidade e o papel que desempenha não possam nem devam ser ignoradas nem subestimadas — mas porque, justamente por sua constituição e atuação complexa, permita mais facilmente elucidar o argumento e sua relevância.

No último dia 02 de outubro o presidente da República do Brasil empossou o novo Procurador Geral da República e, durante sua saudação afirmou: “Eu confesso, Aras, que foi, respeitosamente, um amor à primeira vista”. Após uma pausa e uma piscadinha em direção à mesa onde se encontrava o procurador e mais oito homens, completou: “Depois dessa gravata verde e

---

Polícia e ser preso em 07 de abril de 2018. Veja FOLHA DE SÃO PAULO. Lula é preso. Publicado em 07/04/18. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/lula-e-preso.shtml>. Acesso em 18 fev. 2020.

<sup>7</sup> Me refiro, aqui, à relação entre as linguagens da religião (símbolo, mito, rito, doutrina) e os elementos constituintes da categoria de gênero (símbolos culturais, conceitos normativos, instituições e subjetividade).

<sup>8</sup> Sobre a relação entre política, espaço público e violência, afirma BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019. p. 65: “O público se forma sobre a condição de que certas imagens não apareçam na imprensa, de que certos nomes não sejam pronunciados, de que certas perdas não sejam consideradas perdas e de que a violência seja irreal e difusa”.

<sup>9</sup> Um dos exemplos com maior repercussão foi o vídeo em que, nos primeiros dias do governo, a ministra falou sobre a cor das roupas de crianças a partir do gênero. Veja GI. *Em vídeo, Damares diz que ‘nova era’ começou no Brasil: ‘meninos vestem azul e meninas vestem rosa*. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em 18 fev. 2020.

amarela dele, só faltou ressaltar “Selva”.<sup>10</sup> Tomando-se apenas esse episódio, noticiado amplamente, envolvendo “respeitosamente”, “amor à primeira vista”, “gravatas” e “selvas”, já se teria material para amplas e imaginativas análises. Do ponto de vista do que se tem chamado de “masculinidade hegemônica” estão aí presentes os diversos elementos que constituem esse tipo de papel de gênero, fundamentalmente de uma homosociabilidade masculina como lugar de sua formação e preservação por excelência, desempenhado e performado como forma de manter uma estrutura social construída sob “o poder do macho”<sup>11</sup> e caracterizada por uma visão de mundo hierárquica, autoritária e violenta.

Um artigo publicado em 29 de março de 2019 apresenta um resumo não exaustivo do uso do que chama de “metáforas” de casamento e namoro usadas em declarações do presidente em relação a diversos temas e para falar de suas relações com diversos atores políticos (todos homens). Segundo o artigo: “A metáfora amorosa tem sido uma constante no repertório do presidente, que tenta explicar qualquer dificuldade com seus interlocutores políticos de uma forma que qualquer brasileiro possa entender: afinal, quem nunca brigou com o parceiro?”.<sup>12</sup> A pergunta que se deveria fazer é: até que ponto se trata de simples “metáforas” e até que ponto seu uso se restringe a uma estratégia instrumental para garantir melhor comunicação “com qualquer brasileiro” ou, pelo menos, por que o uso de tais “metáforas” garantiriam essa maior inteligibilidade.

Segundo Javier Sáez e Betraiz (agora Paul) Preciado no Prólogo ao livro *Lenguaje, poder e identidad* de Judith Butler, e referindo-se à sua compreensão sobre a relação entre gênero e performatividade: “a identidade sexual não é algo natural ou dado, senão que o resultado de práticas discursivas e teatrais de gênero; ‘o gênero em si mesmo é uma ficção cultural, um efeito performativo de atos reiterados, sem um original nem uma essência’”.<sup>13</sup> Ou seja, a utilização de metáforas sexuais ou de gênero<sup>14</sup> não é apenas um artifício de comunicação acidental, mas expressa a constituição de valores e normas construídas com e a partir de compreensões de gênero e sexualidade que estruturam as relações sociais. Além disso, sua eficácia (bem como sua possibilidade de ruptura – como veremos adiante) depende justamente de compreensões comuns sobre esses valores e normas compartilhadas por quem as expressa e quem é interpelado ou interpelada por elas em atos de fala ou em vivências cotidianas continuamente reiteradas.

No que diz respeito à religião, destaca-se, também, a fala do referido procurador que afirmou: “Não concebemos um Ministério Público contrário à nossa cultura judaico-cristã, omissa na defesa de nossas riquezas e da nossa gente”, citado na reportagem da Folha de São Paulo, que menciona ainda que: “No discurso de Aras também não faltaram referências a valores cristãos. Ele se declara católico e conservador e, durante a disputa pelo cargo, comprometeu-se com uma carta de intenções elaborada por juristas evangélicos”.<sup>15</sup> A relação entre “cultura judaico-cristã” e as funções do Ministério Público ou mesmo entre a atividade jurídica e uma identidade “evangélica”

<sup>10</sup> TUROLLO Jr., Reynaldo; FABRINI, Fábio; URIBE, Gustavo. *Novo PGR troca afagos com Bolsonaro, e presidente fala em amor à primeira vista*. Publicado em 2 out. 2019 às 11h35. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/novo-pgr-troca-afagos-com-bolsonaro-e-presidente-fala-em-amor-a-primeira-vista.shtml>. Acesso em 02 out. 2019.

<sup>11</sup> SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Editora Moderna, 1990.

<sup>12</sup> EQUIPE HUFFPOST. *As metáforas de Bolsonaro com 'casamento' e 'namoro' foram longe demais*. Publicado em 29/03/2019. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-casamento-ditadura\\_br\\_5c9d6030e4b0474c08cb3c5e](https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-casamento-ditadura_br_5c9d6030e4b0474c08cb3c5e). Acesso em 02 out. 2019.

<sup>13</sup> SÁEZ, Javier; PRECIADO, Beatriz. Prólogo. In: BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidad*. Madrid: Editorial Síntesis, 2009. p. 10.

<sup>14</sup> Sobre metáforas sexuais ver ALTHAUS-REID, Marcella. *Teologia indecente*. London: Routledge, 2001.

<sup>15</sup> TUROLLO Jr., Reynaldo; FABRINI, Fábio; URIBE, Gustavo. *Novo PGR troca afagos com Bolsonaro, e presidente fala em amor à primeira vista*.

por si só são bastante problemáticas do ponto de vista da relação entre religião e democracia e sua articulação no espaço público.<sup>16</sup> Temos, aqui, uma situação na qual se evidencia de maneira inequívoca e transparente a relação entre política, gênero e religião.

## II. Como a linguagem produz e reproduz compreensões e práticas de gênero

Uma semana antes da posse do procurador geral da República mencionada acima, o mesmo presidente brasileiro, durante sua presença na Assembleia Geral da ONU, declarou seu já conhecido afeto pelo presidente dos Estados Unidos da América quando estes se cruzaram rapidamente pelos corredores com um “I love you”, aparentemente sem muita reciprocidade.<sup>17</sup> A admiração, expressa em atos e falas de amor juvenil romantizado e, muitas pessoas diriam, materializada em forma de submissão numa típica relação heteropatriarcal entre homens (ativo/passivo), já é bastante conhecida e retratada de diversas formas, particularmente em charges e ilustrações, valendo-se do mesmo repertório que evoca elementos de gênero e sexualidade.<sup>18</sup>

Outro exemplo desse tipo de representação foi um grafite feito num muro de Maracanaú, cidade da Grande Fortaleza, Ceará, retratando os dois presidentes se beijando.<sup>19</sup> A representação, geralmente fazendo referência ao grafite do artista russo Dmitry Vrubel no Muro de Berlim<sup>20</sup>, tem inspirado diversas outras retratações de relações entre líderes políticos, como do próprio presidente estadunidense com o presidente russo, como afirma o grafiteiro cearense: “Eu vi uma vez um desenho do Putin. Associei o Bolsonaro e o Trump, pensei o que eles falavam, algumas críticas ao homossexualismo (sic), e veio a ideia. Foi uma maneira de criticar”.<sup>21</sup>

Assim como afirmado pelo grafiteiro cearense, esse tipo de representação, de modo geral, tem como objetivo estabelecer uma crítica ou denúncia a um tipo de comportamento (reprovável) no âmbito das relações políticas na esfera pública. Nesse caso, não são os protagonistas das cenas (assim como já visto no exemplo das charges e cartoons) que se utilizam de marcadores de gênero e sexualidade para falar de suas concepções e práticas, mas aqueles e aquelas que querem questionar,

<sup>16</sup> Não vou invocar aqui o princípio da laicidade do Estado porque creio que esse argumento carece de maior aprofundamento como têm demonstrado algumas reflexões. Veja BRITO, Débora. *Ivone Gebara: "Precisamos rever a luta pelo Estado Laico e o papel das religiões"*. Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2019/07/18/ivone-gebara-precisamos-rever-a-luta-pelo-estado-laico-e-o-papel-das-religoes>. Acesso em 18 fev. 2020.

<sup>17</sup> BLOG DA CIDADANIA. *Bolsonaro disse “I love you” para Trump e foi ignorado*. Publicado em 25 de setembro de 2019. Disponível em: [https://blogdacidadania.com.br/2019/09/bolsonaro-disse-i-love-you-para-trump-e-foi-ignorado/?fbclid=IwAR00OlvNkqt\\_e-l6iyHKQNntwtABa679LTlh3lh5yo8EyVN\\_ia2F5nU0Jig](https://blogdacidadania.com.br/2019/09/bolsonaro-disse-i-love-you-para-trump-e-foi-ignorado/?fbclid=IwAR00OlvNkqt_e-l6iyHKQNntwtABa679LTlh3lh5yo8EyVN_ia2F5nU0Jig). Acesso em 31 set. 2019.

<sup>18</sup> Veja exemplos de charges em GAUCHAZH. *Veja desenhos da mostra que foi cancelada pela presidente da Câmara de Porto Alegre*. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/09/veja-desenhos-da-mostra-que-foi-cancelada-pela-presidente-da-camara-de-porto-alegre-ck05nxiri02gu01154nbkeuos.html>. Acesso em 31 set. 2019.

<sup>19</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. *Grafite com beijo entre Bolsonaro e Trump é apagado no Ceará*. 4 dez. 2018 às 16h00. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/grafite-com-beijo-entre-bolsonaro-e-trump-e-apagado-no-ceara.shtml>

<sup>20</sup> JUSTIFICANDO. *Grafite de beijo entre Trump e Bolsonaro é apagado no Ceará*. <http://www.justificando.com/2018/12/03/grafite-de-beijo-entre-trump-e-bolsonaro-e-apagado-no-ceara/> que retratava um beijo entre o russo Leonid Brejnev, secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética, e o alemão Erich Honecker, presidente da Alemanha Oriental à época

<sup>21</sup> FOLHA DE SÃO PAULO. *Grafite com beijo entre Bolsonaro e Trump é apagado no Ceará*.

denunciar e repudiar tais compreensões e práticas, seja qual for o campo político com o qual se identificam.

Em apresentação realizada em evento na Faculdade Unida e publicada posteriormente, discuti a representação do beijo entre duas figuras políticas, o então presidente da Câmara de Deputados e Deputadas Federais e o ainda vice-presidente da República na capa da revista Piauí. Além dessa, discuti também a charge de Duke “Belas, recatadas e do lar”, em referência a um episódio envolvendo um ministro do governo federal em maio de 2016, e uma terceira charge, “A nova cara da diplomacia brasileira”, que faz referência à nomeação de ministro das relações exteriores.<sup>22</sup> Em tom de crítica, essas representações se valem de um “beijo gay”, da censura de uma mulher à outra por conta de suas vestimentas consideradas inadequadas e justificando o mal que se abateu sobre ela, e de uma pessoa trans insinuando estar disponível para ser “usada”.

Assim como nos casos anteriormente mencionados, essas narrativas sobre situações e eventos no campo político são enquadradas (*framed*)<sup>23</sup> a partir de determinadas compreensões — normativas — sobre gênero e sexualidade. Aqui, a homossexualidade masculina, concepções patriarcais sobre os papéis de gênero esperados de mulheres e a associação entre prostituição e as vivências de pessoas trans são utilizadas como exemplos daquilo que “não deve ser” — o abjeto<sup>24</sup>. Ou seja, a repetição de performances transgressoras de gênero e sexualidade serve para reiterar um modelo heteropatriarcal que pode ser facilmente associado a determinadas correntes e grupos religiosos, particularmente na recente campanha articulada em torno da expressão “ideologia de gênero”<sup>25</sup> e ao pânico moral decorrente dela. Nesse caso, a eficácia da mensagem que se quer transmitir, ainda que se suponha de uma perspectiva libertadora, depende e reinstaura um discurso de ódio misógino e lgbtfóbico. Segundo Judith Butler: “a fala [ou a representação] não reflete simplesmente uma relação de dominação social, senão que a fala *efetua* a dominação, convertendo-se assim em veículo através do qual esta estrutura social se instaura sempre de novo.”<sup>26</sup> Daí resulta a violência que será tematizada no próximo tópico.

Não se pretende, aqui, fazer nenhuma sugestão com relação aos desejos ou práticas íntimas das personagens apresentadas em termos de identidades e fixações homossexuais — embora não se descarte essas possibilidades e seja importante dialogar com estudos no campo da psicanálise sobre esse tema. O que se busca é perceber de que forma uma determinada linguagem sobre gênero é utilizada para falar de questões que dizem respeito ao campo político e à esfera pública, bem como sua articulação com o campo religioso, e de que forma essa linguagem ao mesmo tempo reflete e estrutura uma determinada visão de mundo e das relações sociais implicadas nela. Enquanto na primeira parte dessa reflexão percebeu-se que o uso de determinada linguagem sobre gênero serve para sustentar e reafirmar um determinado modelo político, nessa segunda parte percebe-se como

<sup>22</sup> MUSSKOPF, André S. O sexo, o gênero e a sexualidade da política e da religião: Uma análise de representações culturais e reletivas teológicas possíveis. BRAGA Jr.; Reginaldo Paranhos; ROSA, Wanderley Pereira da. *Religião, violências e direitos humanos*. Vitória: Unida, 2019. p. 39-61.

<sup>23</sup> BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?*. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

<sup>24</sup> BUTLER, Judith. *Bodies that Matter: On the discursive limits of sex*. Routledge New York & London, 1993.

<sup>25</sup> MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Revista Sociedade e Estado*, Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro 2017. p. 725-747; JUNQUEIRA, Rogério Diniz. “Ideologia de gênero”: a gênese de uma categoria política reacionária — ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma “ameaça à família natural”? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (org.). *Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25-52.

<sup>26</sup> BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidade*. Madrid: Editorial Síntesis, 2009. p. 40-41.

esta mesma linguagem constitui o universo de inteligibilidade que garante a possibilidade de eficácia daquele uso da linguagem em relação ao gênero – ainda que não sem resistência, como veremos na última parte desse artigo.

### III. Como a articulação entre gênero e religião num marco heteropatriarcal manifesta-se na forma de violência

A forma como gênero se articula com religião no contexto político e na esfera pública na atualidade e produz diversas formas de violência é (ou pelo menos deveria ser) tão evidente quanto a articulação entre gênero e política vista acima. Essa violência se dá tanto na linguagem (ou no campo simbólico)<sup>27</sup> quanto no âmbito material e físico<sup>28</sup>. Valendo-se das mesmas personagens mencionadas acima, particularmente o presidente da República do Brasil, é muito fácil evidenciar de que forma a mesma linguagem que carrega determinadas compreensões de gênero e sexualidade para explicitar uma determinada compreensão da realidade também está carregada de violência. São fartas e bem documentadas as manifestações do presidente, ainda na função de deputado e mesmo durante a campanha eleitoral presidencial, que envolvem questões de gênero marcadamente violentas, sem contar que violência e belicosidade são parte corrente de seu vocabulário sobre qualquer tema sempre sem cessar.<sup>29</sup>

Embora o próprio enunciador e muitas das pessoas que o apoiaram e ainda apoiam se refiram a essas manifestações, muitas vezes, como “simples brincadeiras”, o que apenas evidencia e reforça o caráter de naturalização dessa violência, muitas delas se constituem como reais ameaças a determinados grupos e indivíduos. Nesse sentido, afirma Butler: “aquilo que confere poder à ameaça é a presunção de que o ato de fala materializará por completo o ato com o qual a palavra ameaça”.<sup>30</sup> Nesse sentido, além de poderem ser qualificadas como formas de violência simbólica, as ameaças expressas em tais pronunciamentos, na compreensão de Butler, enquanto atos de fala que performam uma determinada compreensão sobre o mundo e as relações, já são, em si mesmas, formas de violência praticadas contra os sujeitos aos quais se dirigem e seus corpos.

Além disso, ainda que o período desde a posse do presidente seja relativamente curto para traçar conclusões definitivas, vários estudos já evidenciam o aumento de diversas formas de violência física cometidas por questões de gênero e sexualidade e estabelecem uma relação entre esse aumento e os posicionamentos mencionados acima. Em muitos casos afirma-se que os perpetradores dessas violências (em sua absoluta maioria homens), em certo sentido, sentem-se “respaldados” por sua liderança que logrou ocupar o mais alto cargo político do país. De qualquer modo, são fartos os dados e informações sobre a violência física cometida por questões de gênero e sexualidade em casos de violência contra as mulheres e feminicídios, ou contra pessoas LGBTI+ e crimes por

<sup>27</sup> Sobre violência simbólica ver ROSADO-NUNES, Maria José F.; CITELI, Maria Teresa. *Violência simbólica: a outra face das religiões*. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2010.

<sup>28</sup> Para Judith Butler, a compressão sobre os “atos de fala” rompe com essa distinção. Segundo ela: O ato, uma produção enigmática e problemática do corpo falante, destrói desde o começo a dicotomia metafísica entre o domínio ‘mental’ e o domínio ‘físico’, desmonta a oposição entre corpo e espírito, entre a matéria e a linguagem” (BUTLER, 2009, p. 29).

<sup>29</sup> Veja exemplos em ESTADO DE MINAS. *Veja 10 frases polêmicas de Bolsonaro que o deputado considerou “brincadeira”*. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna\\_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml). Acesso em 30 set. 2019.

<sup>30</sup> É a autora continua: “Para que a ameaça funcione, se requerem certas circunstâncias, assim como um campo de poder através do qual se podem materializar seus efeitos performativos” (BUTLER, 2009, p. 31).

homofobia. Assim, não há como não estabelecer uma relação entre a linguagem e as representações de gênero no campo da política e a violência cotidiana a que são submetidas as mulheres e as pessoas LGBTI+, bem como sua vinculação com um certo discurso religioso.

Retomando o artigo mencionado acima e as representações relacionando gênero e política, é possível estabelecer um paralelo entre as situações retratadas e situações concretas de violência que coincidem temporalmente. Em janeiro de 2016 foi veiculada a revista Piauí que estampava, em tom de crítica, a figura de duas personagens da política brasileira se beijando. Em junho de 2016 também foi amplamente noticiado o que ficou conhecido como o “massacre de Orlando”, quando um homem entrou em uma boate LGBTI+ e atirou em quem lá estava matando pelo menos 50 pessoas e ferindo gravemente outras 53. Segundo relato de jornalista: “O pai do atirador lembrou que seu filho recentemente ficou bravo quando viu **dois homens se beijando** em Miami e disse que isso poderia estar relacionado ao ataque”. Em maio de 2016 circulou a charge que retratava a apreensão de uma figura política a outra, ambas apresentadas como mulheres diferenciadas por estereótipos de gênero. No mesmo mês, foi amplamente noticiado o estupro de uma menina de 16 anos por 33 homens, acompanhado de comentários que questionavam as suas vestimentas e o seu comportamento (inclusive religioso) como possível explicação para a violência que sofrera. Também em maio de 2016 circulou a charge retratando, em tom de crítica, a política diplomática brasileira na figura de uma pessoa trans possivelmente em situação de prostituição. No ano anterior, a manifestação de uma mulher trans durante a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo como “crucificada” repercutiu amplamente, sendo questionada por lideranças políticas e religiosas e resultando em ameaças e agressões físicas sofridas por essa mulher ainda após a performance.<sup>31</sup>

Embora não se pretenda estabelecer um nexo de causalidade direta entre as representações simbólicas e os atos de violência real específicos, todos esses exemplos explicitam de que forma gênero e sexualidade estruturam as representações (e ações) no campo da política e de que forma essas representações (e ações) se refletem em casos e formas concretas de violência. Especialmente no caso da “travesti crucificada”, a relação entre os pânicos sobre gênero e sexualidade e determinadas perspectivas religiosas se retroalimentam no campo da política. A mesma lente de análise deveria ser usada para entender a atual conjuntura política e as ações dos governos (seja na área da educação, da segurança pública, da saúde, da previdência, do meio ambiente etc.) e as diversas violências que delas decorrem.

#### IV. Algumas formas de resistência e construção de alternativas

Se pensássemos que a linguagem e a sua materialização em atos e políticas na esfera pública pudessem ser totalmente controladas e não houvesse espaço ou possibilidade de resistência e construção de alternativas estaríamos fadadas e fadados ao ceticismo cínico que não vê outra saída a não ser a resignação total, a submissão às normas desses discursos e práticas e o aniquilamento pessoal e coletivo. Mas se Judith Butler estiver certa, a possibilidade de subversão dessa situação encontra-se na própria instabilidade e equivocidade da linguagem e da visão de mundo que ela instaura e reproduz. Segundo a autora:

De fato, a equivocidade do enunciado significa que é possível que ele nem sempre signifique da mesma maneira, que o seu significado pode ser invertido ou desviado de alguma maneira significativa e, ainda mais importante, significa que as próprias palavras que tratam de ferir podem igualmente errar o seu alvo e produzir um efeito contrário ao desejado. A disjunção entre enunciado e significado é a condição de possibilidade para revisar o performativo, a

<sup>31</sup> Esses eventos são apresentados e analisados em maiores detalhes em MUSSKOPF, 2019.

condição de possibilidade do performativo como repetição de sua primeira instância, uma repetição que é ao mesmo tempo uma reformulação.<sup>32</sup>

Ainda durante a campanha presidencial o movimento #elenão representou um discurso e uma prática alternativa e de resistência às declarações e proposições do então candidato à presidência, como aquelas mencionadas acima.<sup>33</sup> Em outras partes da América Latina e de outros países do mundo, movimentos como #niunamenos, #metoo e #olaverde<sup>34</sup>, também têm feito frente a ondas conservadoras e articulado propostas com relação a questões de gênero, sexualidade, direitos sexuais e direitos reprodutivos e violência contra meninas, mulheres e pessoas LGBTI+. Tais propostas não se restringem a questões individuais ou particulares a esses grupos e indivíduos, mas expressam os desejos e a luta pela superação de todas as formas de violência e novas formas de organização social e gestão da vida, integrando um conjunto amplo de questões e pautas articuladas interseccionalmente. Vozes e perspectivas religiosas estão cada vez mais presentes e visíveis nesses movimentos e articulações, especialmente através de perspectivas feministas na teologia e nos estudos de religião, ainda que no campo acadêmico e de pesquisa tais abordagens continuem, em grande medida, ausentes, invisibilizadas ou setorializadas, apesar de décadas de produção consistente.

Retomando, mais uma vez, o texto mencionado acima, apresento outros três exemplos de como a religião pode e tem se articulado com questões de gênero e política de forma a romper ou subverter o esquema heteropatriarcal, contemporâneos aos outros eventos e situações mencionadas – e não me refiro a práticas institucionais, mas a práticas “populares”. A performance de Viviany Belebony na Parada de São Paulo, em si mesma, se apropria de uma linguagem do campo religioso para denunciar as formas de violência contra a população LGBTI+ no âmbito político e religioso. A sua apropriação, reprodução e divulgação representam formas de resistência e construção de alternativas, como no artigo publicado pelo CONIC em junho de 2016<sup>35</sup>. O estupro da jovem de 16 anos também gerou linguagens que articulam o campo religioso com a violência cometida contra mulheres cotidianamente e respaldada por práticas políticas como as mencionadas acima, por exemplo, na imagem que circulou amplamente retratando uma jovem crucificada sobre uma cruz na forma do símbolo utilizado para identificar as mulheres. O massacre de Orlando também provocou reações de solidariedade e resistência no campo religioso, manifestadas, por exemplo, na campanha #prayfororlando.<sup>36</sup>

Contraopondo esses exemplos às representações de formas de articulação entre gênero e política e às formas de violência que expressam essa articulação a partir da religião teríamos leituras de resistência e práticas alternativas que se articulam com o campo religioso. Segundo Judith Butler:

<sup>32</sup> BUTLER, 2009, p. 148.

<sup>33</sup> ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia Dias; GRAGNANI, Juliana. #EleNãõ: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. Publicado em 30 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em 19 fev. 2020.

<sup>34</sup> Veja, por exemplo, DÍAZ, N. B.; LÓPEZ, A. H. Ni Una Menos: el grito en común. [s.l.] UNLP - Facultad de Periodismo y Comunicación Social, 2016; FRAYSSINET, Fabiana. *Direito ao aborto*: a Onda Verde na América Latina. Disponível em: <https://outraspalavras.net/feminismos/direito-ao-aborto-a-onda-verde-na-america-latina/>. Acesso em 20 fev. 2019; DIP, Andrea. *Argentina*: do “Nenhuma a Menos” à legalização do aborto. Available at: <https://apublica.org/2018/07/argentina-do-nenhuma-a-menos-a-legalizacao-do-aborto/>. Acesso em 20 fev. 2019.

<sup>35</sup> FARINELLI, Vitor. *Cristo hoje é uma travesti pregada numa cruz e um negrinho pelado algemado num posto*. Disponível em <https://www.revistaforum.com.br/mariafro/2015/06/08/vitor-farinelli-cristo-hoje-e-uma-travesti-pregada-numa-cruz-e-um-negrinho-pelado-almemado-num-poste/>. Acesso em 08/06/18.

<sup>36</sup> Esses eventos são apresentados e analisados em maiores detalhes em MUSSKOPF, 2019.

para poder ler esses textos [ou imagens e situações] contra eles mesmos é necessário reconhecer que a performatividade do texto não depende de um controle soberano. Pelo contrário, se o texto [a imagem ou a situação] atua uma vez, pode atuar de novo, e é possível que desta vez o faça contra o ato precedente. Esta *re*-significação abre a possibilidade de uma leitura alternativa da performatividade e da política.<sup>37</sup>

É nessa possibilidade de ressignificação que se situam diversas outras iniciativas no campo religioso feminista, articuladas, por exemplo no movimento “Evangélicas pela Igualdade de Gênero”<sup>38</sup>, na “Rede de Teólogas, Pastoras, Ativistas e Lideranças Cristãs”<sup>39</sup> e no mais conhecido “Católicas pelo Direito de Decidir”<sup>40</sup>, ou mesmo em manifestações mais espontâneas em diversos outros espaços como, por exemplo, a participação de mulheres “terrivelmente evangélicas e feministas” na Marcha das Margaridas realizada em 14 de agosto de 2019 em Brasília<sup>41</sup>.

Contrariando o que algumas pessoas têm dito, o argumento dessa apresentação é o de que a utilização de questões de gênero e sexualidade na esfera pública contemporânea – pelos próprios e pelas próprias agentes ou pelas representações sobre determinados fatos políticos – não é uma “cortina de fumaça” para encobrir outras questões consideradas “mais fundamentais”. Ao contrário, elas refletem e constroem as condições para que essas questões consideradas macroestruturais sejam operacionalizadas e constituem os fundamentos que as tornam possíveis e viáveis. Ao contrário do que se pode pensar, não se trata de um excesso de interpretação fruto de uma fixação freudiana, um exagero, obsessão ou supervalorização em relação a questões de gênero e sexualidade, mas a percepção de que essas questões são fundamentais e estruturantes (assim como é a religião).

Se, como tem sido dito, vivemos uma guerra cultural, e se as questões de gênero e sexualidade estão no centro dessa guerra, não deveríamos todas e todos nos dedicar mais aos estudos feministas e de gênero, e compreender e aplicar suas teorias e metodologias que, afinal de contas, já contam com mais de cinco décadas de estudos e um *corpus* acadêmico robusto na Teologia e na Ciência da Religião em termos teóricos e metodológicos que ajudam a entender o atual contexto e articular alternativas?

## Referências

ALTHAUS-REID, Marcella. *Teologia indecente*. London: Routledge, 2001.

BLOG DA CIDADANIA. *Bolsonaro disse “I love you” para Trump e foi ignorado*. Publicado em 25 de setembro de 2019. Disponível em: [https://blogdacidadania.com.br/2019/09/bolsonaro-disse-i-love-you-para-trump-e-foi-ignorado/?fbclid=IwAR000lvNkqt\\_e-16jyHKQNntwtABa679LTlh3lh5yo8EyVN\\_ia2F5nUOJig](https://blogdacidadania.com.br/2019/09/bolsonaro-disse-i-love-you-para-trump-e-foi-ignorado/?fbclid=IwAR000lvNkqt_e-16jyHKQNntwtABa679LTlh3lh5yo8EyVN_ia2F5nUOJig). Acesso em 31 set. 2019.

<sup>37</sup> BUTLER, 2009, p. 117.

<sup>38</sup> Veja informações sobre o grupo em <https://mulhereseig.wordpress.com/>.

<sup>39</sup> Veja informações sobre o grupo em <https://www.tepali.org/>.

<sup>40</sup> Veja informações sobre o grupo no Brasil em <http://www.catolicasonline.org.br/>.

<sup>41</sup> O uso do termo “terrivelmente” é uma referência a outra fala do presidente do Brasil. Veja CALGARO, Fernanda; MAZUI, Guilherme. *Bolsonaro diz que vai indicar ministro ‘terrivelmente evangélico’ para o STF*. Disponível em: <https://gl.globo.com/politica/noticia/2019/07/10/bolsonaro-diz-que-vai-indicar-ministro-terrivelmente-evangelico-para-o-stf.ghtml>. Acesso em 19 fev. 2020.

BRITO, Débora. *Ivone Gebara*. "Precisamos rever a luta pelo Estado Laico e o papel das religiões". Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2019/07/18/ivone-gebara-precisamos-rever-a-luta-pelo-estado-laico-e-o-papel-das-religoes>. Acesso em 18 fev. 2020.

BUTLER, Judith. *Bodies that Matter*. On the discursive limits of sex. Routledge New York & London, 1993.

BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidade*. Madrid: Editorial Síntesis, 2009.

BUTLER, Judith. *Quadros de Guerra*: quando a vida é passível de luto?. Tradução de Sérgio Tadeu de Niemeyer Lamarão e Arnaldo Marques da Cunha; revisão de tradução de Marina Vargas; revisão técnica de Carla Rodrigues. 1ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, Judith. *Vida precária*: os poderes do luto e da violência. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

CALGARO, Fernanda; MAZUI, Guilherme. *Bolsonaro diz que vai indicar ministro 'terrivelmente evangélico' para o STF*. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/10/bolsonaro-diz-que-vai-indicar-ministro-terrivelmente-evangelico-para-o-stf.ghtml>. Acesso em 19 fev. 2020.

DÍAZ, N. B.; LÓPEZ, A. H. Ni Una Menos: el grito en común. [s.l.] UNLP - Facultad de Periodismo y Comunicación Social, 2016; FRAYSSINET, Fabiana. *Direito ao aborto*: a Onda Verde na América Latina. Disponível em: <https://outraspalavras.net/feminismos/direito-ao-aborto-a-onda-verde-na-america-latina/>. Acessado em 20 fev. 2019.

DIP, Andrea. *Argentina*: do "Nenhuma a Menos" à legalização do aborto. Disponível em: <https://apublica.org/2018/07/argentina-do-nenhuma-a-menos-a-legalizacao-do-aborto/>. Acesso em 20 fev. 2019.

EQUIPE HUFFPOST. *As metáforas de Bolsonaro com 'casamento' e 'namoro' foram longe demais*. Publicado em 29/03/2019. Disponível em: [https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-casamento-ditadura\\_br\\_5c9d6030e4b0474c08cb3c5e](https://www.huffpostbrasil.com/entry/bolsonaro-casamento-ditadura_br_5c9d6030e4b0474c08cb3c5e). Acesso em 02 out. 2019.

ESTADO DE MINAS. *Veja 10 frases polêmicas de Bolsonaro que o deputado considerou "brincadeira"*. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna\\_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml). Acesso em 30 set. 2019.

FARINELLI, Vitor. *Cristo hoje é uma travesti pregada numa cruz e um negrinho pelado algemado num posto*. Disponível em <https://www.revistaforum.com.br/mariafro/2015/06/08/vitor-farinelli-cristo-hoje-e-uma-travesti-pregada-numa-cruz-e-um-negrinho-pelado-almemado-num-poste/>. Acesso em 08/06/18.

FOLHA DE SÃO PAULO. *Grafite com beijo entre Bolsonaro e Trump é apagado no Ceará*. 4 dez. 2018 às 16h00. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/12/grafite-com-beijo-entre-bolsonaro-e-trump-e-apagado-no-ceara.shtml>

FOLHA DE SÃO PAULO. Lula é preso. Publicado em 07/04/18. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/04/lula-e-preso.shtml>. Acesso em 18 fev. 2020.

G1. *Em vídeo, Damares diz que 'nova era' começou no Brasil: 'meninos vestem azul e meninas vestem rosa*. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/03/em-video-damares-alves-diz-que-nova-era-comecou-no-brasil-meninos-vestem-azul-e-meninas-vestem-rosa.ghtml>. Acesso em 18 fev. 2020.

GAUCHAZH. *Veja desenhos da mostra que foi cancelada pela presidente da Câmara de Porto Alegre*. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/porto-alegre/noticia/2019/09/veja-desenhos-da-mostra-que-foi-cancelada-pela-presidente-da-camara-de-porto-alegre-ck05nxiri02gu01154nbkeuos.html>. Acesso em 31 set. 2019.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. "Ideologia de gênero": a gênese de uma categoria política reacionária – ou: a promoção dos direitos humanos se tornou uma "ameaça à família natural"? In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; MAGALHÃES, Joanalira Corpes (org.). *Debates contemporâneos sobre Educação para a sexualidade*. Rio Grande: Ed. da FURG, 2017. p. 25-52.

JUSTIFICANDO. *Grafite de beijo entre Trump e Bolsonaro é apagado no Ceará*. <http://www.justificando.com/2018/12/03/grafite-de-beijo-entre-trump-e-bolsonaro-e-apagado-no-ceara/>. Acesso em 31 set. 2019.

MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. "Ideologia de gênero": notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. *Revista Sociedade e Estado*, Volume 32, Número 3, Setembro/Dezembro 2017. p. 725-747.

MUSSKOPF, André S. O sexo, o gênero e a sexualidade da política e da religião: Uma análise de representações culturais e releturas teológicas possíveis. BRAGA Jr.; Reginaldo Paranhos; ROSA, Wanderley Pereira da. *Religião, violências e direitos humanos*. Vitória: Unida, 2019. p. 39-61.

MUSSKOPF, André S. Tan queer como sea posible. *Revista Concilium*, Vol. 383: 651-660, 2019.

MUSSKOPF, André Sidnei. Quando sexo, gênero e sexualidade se encontram. *Revista História Unisinos*. 9(3):184-189, Setembro/Dezembro 2005.

ROSADO-NUNES, Maria José F.; CITELI, Maria Teresa. *Violência simbólica*. a outra face das religiões. São Paulo: Católicas pelo Direito de Decidir, 2010.

ROSSI, Amanda; CARNEIRO, Julia Dias; GRAGNANI, Juliana. *#EleNãõ*. A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos. Publicado em 30 set. 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45700013>. Acesso em 19 fev. 2020.

SÁEZ, Javier; PRECIADO, Beatriz. Prólogo. In: BUTLER, Judith. *Lenguaje, poder e identidade*. Madrid: Editorial Síntesis, 2009. p. 10.

SAFFIOTI, Heleieth. *O poder do macho*. São Paulo: Editora Moderna, 1990.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e realidade*, v. 16, n. 2 (5-22), jul/dez 1990.

SEGATO, Rita. *La crítica de la colonialidad en ocho ensayos y una antropología por demanda*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2013.

TUROLLO Jr., Reynaldo; FABRINI, Fábio; URIBE, Gustavo. *Novo PGR troca afagos com Bolsonaro, e presidente fala em amor à primeira vista*. Publicado em 2 out. 2019 às 11h35. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/novo-pgr-troca-afagos-com-bolsonaro-e-presidente-fala-em-amor-a-primeira-vista.shtml>. Acesso em 02 out. 2019.